

Opinião do GLOBO

Racismo nas escolas é desafio para pais e educadores

Casos recentes em redutos da elite paulistana revelam dificuldades para lidar com o problema

A sociedade brasileira não-veia desperdiçar a oportunidade para refletir com os casos recentes de racismo e antissemitismo em escolas de elite da capital paulista. No dia 22 de abril, duas alunas de 14 anos da Escola Vera Cruz pegaram o caderno da filha da atriz Samara Felippo e o jogador de basquete Leandro Pinheiro, arrancando folhas de um trabalho escolar e escrevendo uma ofensa abjeta de cunho racista. Um mês e meio antes, no início de março, seis alunos de 15 anos da Beacon School intimidaram um colega judeu, desenhando náusticas num caderno e fazendo a saudação nazista.

Casos assim têm chamado mais a atenção nos últimos tempos. Eles têm surgido não apenas em colégios caros de São Paulo, mas em escolas particulares e públicas de todas as regiões do Brasil. O racismo é em geral invisível quando as vítimas são negros pobres da periferia. Crianças e jovens são alvo frequente de humilhação hedionda em razão de cor da pele, religião, características físicas ou intelectuais. Não se pode esquecer que a legislação brasileira pune esses atos como crimes e que, perante a lei, os pais são responsáveis

pelo que seus filhos fazem. Tais atitudes são, além disso, intoleráveis num ambiente que quer formar cidadãos.

Mas, por óbvio, educadores não têm o poder de manter o racismo, a intolerância religiosa e outros preconceitos fora das instituições de ensino. O que está ao alcance da direção e do corpo docente é fazer um trabalho contínuo de prevenção, criar canais de denúncia eficientes, acolher e cuidar das vítimas e de suas famílias, identificar jovens agressores e tomar medidas corretivas. Tudo isso sem atropelar a pior das decisões: tentar apenas agredir no tribunal das redes sociais ou do grupo de mensagens quando o horror vem à tona.

A dor de ver um filho alvo de racismo ou perseguição costuma provocar nos pais o desejo de punição exemplar, geralmente na forma de expulsão. Não é, obviamente, opção que deve ser descartada. Mas crianças e adolescentes são sujeitos em estágio de formação. Bem concebida e realizada, a educação é um instrumento de transformação. Desistir de inculcar nas crianças princípios éticos e morais é um desperdício ao combater a discriminação. Cada situação deve ser examinada em suas particularidades antes de decisões extremas.

O caso de racismo contra a filha de Samara Felippo ilustra a complexidade. O Vera Cruz é uma escola popular entre famílias progressistas da Zona Oeste de São Paulo. Foi uma das primeiras da cidade a adotar um programa antirracista consistente. Fornecido equipes de orientadores pedagógicos e professores atentos. Em vez de decretar o fracasso de todo esse esforço, a escola precisa identificar se houve erros, para torná-los mais eficazes, sabendo que nunca estará livre de novos casos.

Independente da motivação, o ato não pode ser tratado com leveza. A escola suspendeu as agressoras e, em seguida, elas saíram voluntariamente. Em mensagem, os pais de uma delas, precursora do movimento antirracista no Vera Cruz, pediram desculpas pela "violência injustificável" e lembraram que a filha, como toda adolescente, comete erros e acertos.

A melhor resposta de educadores e da sociedade à sensação de aviltamento das vítimas seria transformar os agressores em cidadãos incapazes de cometer o mesmo crime. Sem prejuízo das punições previstas nos termos da lei, necessária para desencorajar que atitudes tão repugnantes se repitam.

Morte de motorista de aplicativo expõe leniência com quem bebe e dirige

Conduzir que provocou acidente foi dispensado do teste do bafômetro, apesar de nítidos sinais de embriaguez

O grave acidente entre um Porsche e um Renault Sandero numa avenida de São Paulo, na madrugada do domingo de Páscoa, expôs a leniência das autoridades com infratores contumazes e a dificuldade crítica dos governos para reduzir a violência no trânsito — a despeito de o país possuir uma legislação rigorosa, implementada justamente para conter a maldade nas ruas e estradas.

Não se pode dizer que seja incomum o acidente que matou o motorista de aplicativo do Sandero. Inicialmente, o condutor do Porsche alegou estar "um pouco acima" da velocidade. A perícia constatou que, no momento da colisão, ele corria a 114,8 km/h (depois de chegar a 156 km/h), mais que o dobro do permitido na via (50 km/h).

Tampouco se pode afirmar que seja incomum a atitude leniente de autoridades em casos assim. Chama a atenção que policiais não tenham feito o teste do bafômetro no motorista que dirigia em alta velocidade, como seria praxe (depois, eles foram afastados).

Testemunhas desmontaram a versão segundo a qual ele não bebera. Imagens das câmeras corporais mostram que os próprios policiais notaram sinais de embriaguez. Apenas na sexta-feira, a Justiça de São Paulo mandou prender o preventivamente, após outros três pedidos de prisão negados.

Não foi a primeira imprudência desse motorista no trânsito. Ele havia recuperado a carteira de habilitação apenas 12 dias antes do acidente. Pela legislação, o direito de dirigir é suspenso quando o condutor atinge 40 pontos na soma das infrações. Pelo visto, o curso de reciclagem, obrigatório nesses casos, não serviu para nada.

A mistura de álcool e volante infelizmente provoca acidentes o tempo todo. Em fevereiro, um motorista aparentemente embriagado avançou sobre dezesseis de foliões num bloco de carnaval em São Gonçalo (RJ). No último dia 27, três guardas municipais foram atropelados em Indaiatuba, interior de São Paulo (o motorista se recusou a fazer o teste do bafômetro e acabou detido). No dia

30, um condutor que mal conseguia ficar de pé invadiou o canteiro central e colidiu contra um motociclista no bairro do Tatupá, em São Paulo.

Nos anos 2000, as madrugadas dos fins de semana no Rio ficaram marcadas pelas sucessivas mortes de jovens em acidentes de trânsito. Eles iam para as baladas, consumiam altas quantidades de bebida alcoólica e depois assumiam o volante. Surgidas em 2008, as operações da Lei Seca reduziram drasticamente essas tragédias, por meio de blitzes aleatórias para submeter motoristas ao teste do bafômetro.

Se necessitas campanhas de conscientização, por si só, não são suficientes para evitar que motoristas arrisquem a própria vida e a de outros. É preciso aumentar a fiscalização. As blitzes da Lei Seca, sem dúvida, não são locais marcados, já se mostraram uma experiência bem-sucedida. Mas há que manter a regularidade das operações. É fundamental ainda rigor com infratores. Não basta ter leis rígidas. É preciso aplicá-las. Ou a imprudência e a impunidade continuarão a fazer vítimas no trânsito.

Artigos

fernando.gabeira@o-globo.com.br

FERNANDO GABEIRA




Salman Rushdie: o triunfo da palavra

Salman Rushdie não acredita em milagres, embora apareçam muitos em seus textos de realismo mágico. Mas foi um milagre ele ter sobrevivido a um ataque de 27 segundos e 15 facadas em Chautauqua, Nova York, no dia 12 de agosto de 2022. A última coisa que seu olho direito viu foi um homem vestido de preto, correndo na plateia em sua direção e desferindo golpes que o levaram a muito perto da morte.

Rushdie sobreviveu com a mente intacta e escreveu um livro, "Faca: reflexões sobre um atentado". Além de ter perdido a visão do olho direito, foi gravemente ferido na mão esquerda, no peito, no pescoço e em outros pontos do corpo. Foram 18 dias internado num centro de trauma e muitos dias em seguida num hospital especializado em recuperação em Nova York. Ele não foi salvo apenas pela perícia dos cirurgiões, mas também pelo amor de sua mulher, Eliza (Rachel Eliza Griffith), filhos de íntimos amigos e até desconhecidos que se solidarizaram com ele.

O atentado ocorreu 33 anos e meio depois de aiatolá Khomeini tê-lo condenado à morte, por causa da publicação do livro "Versos satânicos". Os 18 dias após o atentado foram terríveis. No princípio, por causa da grande quantidade de analgésicos, inclusive morfina, ele delirou sonhando com edifícios em forma de letras do alfabeto. Em seguida, vieram as centenas de incômodos com os próprios ferimentos, em muitas partes do corpo, sobretudo a mão, unidas por pontos de metal, olho deslocado da órbita.

Nesses momentos, e em todos os outros, Salman teve ao lado a mulher, Eliza, poeta e fotógrafa americana. A coragem e o afeto dessa mulher extraordinária, o próprio Salman reconhece, foram decisivos. Não é fácil alguém se mover escapando de paparazzi, protegido por policiais desconhecidos, sempre em dúvida se aquelas lentes fotográficas não poderiam ser um cano de arma disfarçado.

No livro, Rushdie descreve muitos procedimentos médicos, a dor da retirada dos pontos, a tristeza de saber que ficaria sem a visão num olho, o medo de ficar cego, uma vez que já tinha problemas nos olhos antes do atentado. Ele chega a descrever até a dor de receber uma sonda para fazer xistí, pois um dos remédios inibiu sua função urinária. Adverte o leitor: se você nunca recebeu uma sonda, procure se manter invicto.

Eu acrescentaria com experiência própria: se perder a inevitabilidade, não o façam sofrer ferido e preso numa diátria militar. Torça por enfermeiros amigáveis.

O livro é cheio de referências literárias, menciona até "Memórias póstumas de Brás Cubas", de Machado de Assis. Mas o diálogo mais significativo é com o romance de Milan Kundera "A insustentável levedade do mal". A vida não tem repêres. Mas Salman, na verdade, ganhou uma segunda chance e a desfrutou com felicidade ao lado de Eliza.

A verdade é que amigos morreram, como morreu o escritor Martin Amis; outros sofrem doenças, com paralisia, como e Hanif Kureishi; e alguns já estavam com câncer, como Paul Auster, que, por sinal, morreu na semana que passou. Além de todos esses problemas, há as dificuldades no mundo. A guerra contra a Ucrânia, conduzida por um tirano, as perseguições religiosas na Índia, os perigos de retrocesso nos Estados Unidos, com a ideia de supremacia branca e masculina.

Rushdie dedica um capítulo a uma discussão imaginária com o homem que tentou matá-lo, que ele chama apenas de A. Talvez nem precisasse, mas faz uma defesa de sua atuação, até em relação aos muçulmanos, e traça um perfil do terrorista religioso, que acredita em falsos profetas, é solitário e frustrado.

A conclusão é que os escritores têm de continuar escrevendo suas histórias, que ficarão para sempre e contribuem para combater as falsas narrativas nesta era de desinformação. Um poema não detém uma bala. Mas a luta de Rushdie é um exemplo de luta pela liberdade de expressão. No dia em que foi atacado, ele faria uma conferência em apoio aos escritores perseguidos no mundo, para os quais seu amigo Henry Reese, organizador do encontro, criou um espaço amplo de refúgio. O evento — onde o terrorista, um jovem de origem libanesa, criado em Nova Jersey, apareceu com sua fúria assassina — se intitulava "Mais que um abrigo, redefinindo o lar americano".

Portanto as facadas foram contra todos os escritores perseguidos. Alguns também atingidos diretamente pela lâmina, como o egípcio Naguib Mahfouz, esfaqueado no pescoço em 1994 por um fundamentalista islâmico.

Escritores têm de continuar escrevendo suas histórias, que ficarão para sempre e ajudam a combater falsas narrativas

GRUPO GLOBO

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

PRESIDENTE: Jairo Roberto Moreira

VICEPRESIDENTES: Jairo Roberto Moreira e Roberto Moreira

O GLOBO

publicação de Jairo Roberto Moreira

DIRETOR GERAL: Roberto Moreira

DIRETOR DE REDAÇÃO: Roberto Moreira

EDITORES: Roberto Moreira, Roberto Moreira, Roberto Moreira

Assessoria: Roberto Moreira

PRINCÍPIOS EDITORIAIS DO GRUPO GLOBO

O GLOBO se compromete a publicar conteúdos de qualidade, respeitando a liberdade de expressão e a diversidade de opiniões. Não se responsabiliza por conteúdos de terceiros.

VENDEDOR DE BANCAS

Revista: 12,00; Jornal: 10,00; Suplemento: 5,00

Assinaturas: 12,00; 10,00; 5,00

FALE COM O GLOBO

Gratuito: (11) 2534-5000; Classificados: (11) 2534-4333

Assinaturas: 4002-5300 ou oglobo.com.br/assinatura

AFÍLIAÇÃO DO GLOBO DE NOTÍCIAS

Associação: 4002-5300